

Religiosidade, Cultura e Tradição: O caso da Festa da Pitomba-Jaboatão dos Guararapes/ Pernambuco¹

Ricardo Augusto COSTA²
Mariano HEBENBROCK³

RESUMO

Este estudo se volta para apresentar a Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, popularmente conhecida como Festa da Pitomba, no contexto sagrado-profano dentro do embasamento teórico dos estudiosos da Folkcomunicação. A união dos três povos, dando origem, simbolicamente, ao Exército Brasileiro, o primeiro sentimento de patriotismo sentido em 1648 e a devoção surgida através do fim de uma guerra em 1649, dando origem à festa aqui tratada. O texto tratará da discussão profana que cresce cada vez mais com o passar dos anos e também a participação da comunidade na festividade.

PALAVRAS CHAVE: Folkcomunicação; Processo Comunicacional; Festa Popular; Festa da Pitomba; Nascimento da Pátria.

1. INTRODUÇÃO

O município de Jaboatão dos Guararapes, localizado na Região Metropolitana do Recife, carrega no bojo de seu passado uma rica história religiosa e de patriotismo. O primeiro suspiro do sentimento de nacionalidade foi dado em terras jaboatonenses, em 1648, em Guararapes, “onde o Brasil aprendeu a liberdade”. Como relata o sambista Martinho da Vila⁴ (1972): “Aprendeu-se a liberdade/ Combatendo em Guararapes/ Entre flechas e tacapes/ Facas, fuzis e canhões/ Brasileiros irmanados/ Sem senhores, sem senzalas/(...)”.

Sendo hoje a data festiva que se comemora o surgimento do Exército Brasileiro, 19 de abril ficou marcado não só pela primeira batalha contra os holandeses, mas

¹ Trabalho apresentado no GT 5 (Cidadania e Sustentabilidade Ambiental, Social e Cultural) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Graduando em Produção audiovisual pela Faculdade Metropolitana do Recife. E-mail: ricardobontese@gmail.com.

³ Doutor em Comunicação Política pela Universität Pompeu Fabra – UPF/España. email: mariano.hebenbrock@gmail.com.

⁴ Martinho da Vila é um cantor e compositor brasileiro. A música “Onde o Brasil Aprendeu a Liberdade” foi escrita em 1972 para compor o samba enredo da escola de samba de Vila Isabel, para o carnaval daquele ano.

também pela primeira vez em que se ouviu a palavra “pátria” sendo referida ao Brasil. No que chamam de “união das três raças”, índios, negros e brancos formaram o primeiro registro de “fraternidade racial” e cultural, constituindo-se ao longo da formação da nacionalidade brasileira.

Nenhum lugar mais brasileiro, nenhum outro recanto em que o espírito militar se vincule mais à tradição da nacionalidade do que Guararapes (...). Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira.⁵ (BENTO, 2004, p. 39).

O êxito do nascimento da pátria veio no ano de 1649, em 19 de fevereiro de 1649, quando os brasileiros conseguiram, de fato, expulsar os exércitos holandeses do país. Dos portugueses enviados para ajudar na formação do exército do Brasil, o mais importante foi o General Barreto de Menezes, exímio estrategista. O português trouxe consigo a devoção à Nossa Senhora dos Prazeres, atribuindo a ela um santuário pela vitória brasileira na guerra, além da festa a qual iremos tratar nos tópicos seguintes. Essa mitologia que carrega a santa católica dentro do berço da nossa nacionalidade, também foi citada pelas palavras musicadas de Martinho da Vila: “E a Senhora dos Prazeres/ Transformando pedra em bala/(...)”.

Ressalva-se ser o objetivo deste trabalho descrever as várias facetas da festividade. Desde seu contexto histórico até as mutações ocorridas nas tradições com os dias de atuais. Para isso, faz-se necessário trabalhar com os conceitos ‘festa popular’ e ‘folkcomunicação’ dentro de uma ótica contemporânea, entrecruzando, pois, conhecimentos de estudiosos do tema, bem como a vivência da comunidade.

O artigo está limitado a uma pesquisa exploratória, usando, desse modo, o método observacional e narrativo, tendo a intenção de compartilhar alguns aspectos a envolver a religiosidade surgida em meio a uma guerra em algumas formas de comunicação.

Como base teórica, utiliza-se de ensinamentos de estudiosos os quais tratam as festas populares como ‘processos comunicacionais’, ‘espaços sociais’, e, por último,

⁵ Ver: BENTO, 2004, p. 39. General Mascarenhas de Moraes – comandante da FEB. Trecho de discurso pronunciado nos Montes Guararapes, em 9 de julho de 1945, de passagem pelo Recife, proveniente do Teatro de Operações da Itália.

uma festa mercantil como uma ‘espetacularização popular’. Ei-los: Beltrão (2001); Marques de Melo (2008); Bourdieu (1997).

2. APORTE TEÓRICO DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Na definição original de Luiz Beltrão, folkcomunicação designa “o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social”. (BELTRÃO: 2001, p. 73) A percepção de uma dimensão comunicacional na dinâmica das culturas populares, segundo a perspectiva teórica proposta por Luiz Beltrão, sugere considerar dois momentos nessa relação entre folclore e as transformações socioeconômicas forçadas pela modernização do país.

Primeira consideração: no caso brasileiro, a cultura popular, em sua vertente tradicional, se refere a uma cultura protagonizada eminentemente pelos segmentos sociais que vivem à margem dos benefícios da modernização. São segmentos que fazem de suas práticas culturais cotidianas um modo de expressar ideias e opiniões sobre a realidade social. Trata-se de uma condição da subjetividade, o que inclui a existência socioeconômica, em que as práticas culturais, de forma tática, transformam-se em ferramentas de comunicação em dois níveis: troca de informações entre membros das camadas populares e entre essas camadas populares e a totalidade social.

Em outras palavras, a folkcomunicação aponta para a troca de informações entre membros do mesmo grupo social, num primeiro momento, e entre grupos sociais distintos, num segundo momento. Portanto, consideram-se as práticas populares de produção de linguagem – no artesanato, nos jogos, nas diversões, nos eventos festivos e outras tantas formas de manifestações populares – como um modo de produzir sentido e reinventar as vinculações sociais, em nível comunitário e entre as comunidades e a sociedade em geral.

Na perspectiva da folkcomunicação, a cultura é considerada como ambiente de produção, circulação e consumo de informações. É a condição ambiental de produção de sentido que viabiliza a dimensão comunicacional das práticas folclóricas. Segunda consideração: não conceber o mundo cultural das camadas populares como uma

totalidade fechada, mas que esse mundo mantém uma relação social, invariavelmente tensa, com outras esferas sociais, seja na relação entre grupos ou classes sociais.

O momento mais significativo desta relação social, como já apontava Luiz Beltrão ao visualizar o fenômeno da folkcomunicação, são os processos de tradução de linguagem como experiência comum simultaneamente às camadas populares e às elites através do acesso às informações da comunicação de massa, principalmente os veículos impressos e eletrônicos mais consumidos a partir da década em que o conceito foi enunciado (jornais, rádio e TV aberta).

Esses processos de tradução são mediados pela interpretação e recodificação dos agentes populares, primeiramente em nível comunitário. É o caso em que a cultura tradicional torna-se mediação na qual os segmentos populares produzem recursos cognitivos para minimizar o estranhamento diante das distintas linguagens apresentadas no processo de modernização.

3. FESTA DA PITOMBA E SEU PROCESSO FOLKCOMUNICACIONAL

A festa da Pitomba por ser um evento religioso e social conta com seu aparato comunicacional, produzindo assim conteúdos jornalísticos, tendo a televisão como o seu maior divulgador. No período da festa (tendo início no domingo de páscoa e seu término na segunda-feira após o domingo posterior à páscoa) os meios de comunicação (jornais, rádio, TV aberta, blogues) buscam interpretar e recodificar os signos populares apresentados pela comunidade, dando assim significados que possam diminuir o estranhamento do público. Para Marques de Melo (2008) esta indústria midiática busca catalisar os modos de pensar, sentir e agir dos grupos sociais e das comunidades, transformando assim um evento religioso em uma festa popular.

Para Marques de Melo (2008), as festas populares configuram-se como iniciativas mobilizadora das comunidades humanas, assumindo assim dimensões culturais, religiosas, políticas ou comerciais. Para este estudioso, as festas populares se caracterizam estruturalmente como processos comunicacionais, cujos conteúdos abrigam diferentes manifestações da sociedade, potencializada ou apropriadas pela mídia.

Nas festas populares, as classes sociais interagem dialeticamente, coexistindo de forma aparente, mas na verdade enfrentando-se, ora

sutil, ora de modo ostensivo, na tentativa de conquistar a hegemonia cultural. (MELO, 2008, p.77).

Nesta perspectiva, pode-se concluir que a mídia e as instituições comerciais transformam estas festas em espetáculos coletivos, fruídos por usuários dispersos, muitas vezes convocados aleatoriamente, até mesmo fora dos calendários cívicos ou religiosos.

Para Bourdieu o poder ou a manipulação dos meios de comunicação, ou seja, a TV, já foi estudada, questionada e às vezes até mesmo execrada pelos cientistas sociais. O francês, Pierre Bourdieu afirma que a televisão, em busca da audiência apresenta um grande perigo não só para as diferentes esferas de produção cultural, bem como à política e à democracia e espera que, “o deveria se converter em um instrumento extraordinário da democracia direta, não se converta em um instrumento de opressão simbólica”. (BOURDIEU; 1997, p.13).

Observado a citação acima podemos afirmar que as festas populares dentro de uma perspectiva midiática passam a ter valor conteudístico, preenchendo espaços na programação das emissoras de rádio ou televisão, bem como motivando reportagens e coberturas especiais em jornais diários, revistas semanais, e redes sociais.

4. NOSSA SENHORA DOS PRAZERES ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Este ponto explana a pretensão de refletir sobre uma festa popular dada a uma padroeira como promessa após a vitória de uma guerra, mas que, sobretudo, essa festividade se torna cada vez mais profana.

Templos, igrejas, capelas, terras santificadas e manifestações religiosas existem e acontecem por toda parte do mundo, inclusive em regiões de origens católica, como o Brasil, e mulçumana, como Arábia Saudita e Jerusalém. Desde novenas e missas, passando por procissões terrestres e fluviais, até encenações teatrais; verdadeiros espetáculos de devoção. Isso vem de grande influência com os peregrinos europeus que visitam Fátima, em Portugal, caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e mulçumanos em Meca, na Arábia Saudita, por exemplo. Até mesmo “as chamadas Festas Juninas têm sua origem em países católicos da Península Ibérica”. (RANGEL, 2008, p. 15).

Assim como não há uma história imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um *continuum* de mutações, de transições, de inclusão com uma das mãos e afastamentos com a outra. (VOVELLE, 1991, p. 251).

As perdas e as incorporações de novos elementos nas festas populares nos comprovam o que defende Vovelle (1991). Segundo o romeno Mircea Eliade (1992), cientista das religiões e filósofo, a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim sua reatualização.

Para o homem religioso, a reatualização dos mesmos acontecimentos míticos constitui sua maior esperança, pois, a cada reatualização, ele reencontra a possibilidade de transfigurar sua existência, tornando-a semelhantes ao modelo divino. (ELIADE, 1992, p. 56).

No ano de 1630, o estado de Pernambuco foi invadido por holandeses, ficando assim sob seu domínio. O conde Maurício de Nassau foi enviado às terras brasileiras em 1637, condecorado governador-geral do Estado. Após seis anos de governo, o então governador voltou para seu país de origem. O governo posterior era mais autoritário e passou a cobrar altos impostos aos senhores de engenho. A mudança de administração fez com que os senhores e os habitantes desta província se rebelassem contra o domínio dos europeus. Luso-brasileiros, portugueses, negros e indígenas se uniram sob o comando de Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, Henrique Dias e Filipe Camarão, respectivamente, em contraposição ao governo holandês (GONDIM, 2011, p. 132). A primeira batalha foi travada em 1648, porém a expulsão dos holandeses veio numa segunda batalha, no dia 19 de fevereiro de 1649. A partir desse ponto histórico, nasceu a devoção do povo de Jaboatão dos Guararapes por Nossa Senhora dos Prazeres, como enfatiza Dom André:⁶

O governo português enviou o general Barreto de Menezes para liderar o combate contra o exército holandês (...). Barreto de Menezes era muito devoto de Nossa Senhora dos Prazeres. Ele que trouxe essa devoção para o Brasil. Então, ele pediu pra que Nossa Senhora o intercedesse e trouxesse a vitória para os brasileiros. E que, caso tivesse êxito nas batalhas, ele faria um santuário e todo ano realizaria uma festa pomposa e honrosa em sua homenagem.⁷

⁶ Dom André da Silva Vicente. Guardião dos Santuário de Nossa Senhora dos Prazeres.

⁷ Entrevista concedida no dia 13 de novembro de 2016.

A abertura da Festa da Pitomba se dá com a tradicional Procissão da Bandeira⁸, que ocorre sempre no domingo de páscoa. Missas, novenas, shows religiosos e adorações são prestigiados na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. No Polo da Pitomba temos shows de artistas nacionais e, em sua grande parte, artistas da região. Além de apresentações de maracatus e caboclinhos (rituais eminentemente de origens afros). A área que fica o Polo da Pitomba também ganha um grande parque, onde se é possível ver uma roda gigante e brilhante de vários pontos do município. Em 2014 a festa ganhou mais dois polos: Alternativo e dos Canhões. Rock, capoeira, skate e o grafite são as atrações. No dia 17 de dezembro de 2015, por meio da lei nº 1247/2015, o último dia da festa – segunda-feira, oito dias após a abertura – tornou-se feriado municipal.

O dia do encerramento é marcado pela grande procissão em que a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres é carregada por um caminhão do Corpo de Bombeiros – muitas vezes por caminhões do Exército Brasileiro. Segundo Dom André, cerca de 60 mil pessoas acompanham a procissão no último dia das festividades. Os fiéis se concentram em frente à igreja, seguem pela Estrada da Batalha, Avenida Guararapes, depois o bairro do Cajá até voltar ao santuário. Em torno da igreja, concentram-se várias barracas armadas, onde pode-se ver imagens sacras – terços, estátuas e crucifixos, passando por lembranças da cidade: cartões-postais, fitas com o nome do padroeiro e pitomba, fruta que dá em grande safra na época das festividades.

O caminho que leva os participantes da festa para os shows artísticos é cercado com mais barracas, dessa vez com canecas de chopp, apetrechos de carnaval, brinquedos, milho cozinhado, caldinho, maçã do amor e, claro, mais pitomba. Já na Avenida Guararapes, durante a procissão, os fiéis passam por prostíbulos disfarçados de bares. É natural ver mulheres seminuas e homens alcoolizados saírem de dentro dos prostíbulos para assistirem ao evento religioso.

⁸ Todos os anos, no último dia da festa, fiéis podem colocar seus nomes para serem sorteados e ficarem durante um ano com a bandeira de Nossa Senhora dos Prazeres. A pessoa sorteada, deve fazer, todos os sábados, reuniões em sua casa com outros fiéis e rezar o terço. No ano seguinte, dia da abertura da festa, os fiéis se reúnem na frente da casa onde está a bandeira. De lá, eles seguem numa procissão até a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Lá, a bandeira é levantada em um mastro, em frente ao santuário. O dia segue com missas, novenas e discussões religiosas.

Toda festa religiosa que sai em procissão terrestre automaticamente se mistura ao profano. As ruas são lotadas de bares e prostíbulos. Acho que no caso da festa dos Prazeres, a própria fruta que deu o nome popular, a pitomba, acaba se tornando o símbolo maior dessa relação sagrado/profano. É só passar um dia na festa e você vai ver que tudo, desde missas e novenas até os shows profanos, é ligado à pitomba. Inclusive todo o caminho que liga o santuário até a festa popular.⁹

“A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, [...] pela memória coletiva e por fantasias, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. (CASTELLS, 2008, p. 23). Festa popular é a porta-voz da população. É possível decodificar e compreender os costumes e manias de um povo através de um difícil e profundo estudo. Acompanhar uma procissão descalço, com tijolo na cabeça ou de joelhos é uma forma de se comunicar e passar uma mensagem espiritual para outras pessoas, independente da religião alheia.

5. O DISCURSO SOCIAL E IDEOLÓGICO EM CENA

As manifestações religiosas no Brasil, em sua grande maioria, tem sua herança cultural e sócio ideológica a partir dos processos de colonização e miscigenação, que carregam em suas particularidades tradições indígenas, africanas e europeias.

Muito rica em suas manifestações, a religião do povo brasileiro brotava de três raízes: a herança das crenças medievais em que o sagrado e o misterioso apareciam em todas as atividades do dia a dia e que recebeu farta contribuição das culturas indígenas e africanas, criando uma prática religiosa que ocupava lugar de destaque na vida familiar e individual (HAUOCK, 1992, p. 112).

Como vimos no tópico anterior, pode-se afirmar que, as festividades que acontecem no Monte dos Guararapes são realizadas há séculos com um único propósito: agradecer à Nossa Senhora dos Prazeres a vitória dos brasileiros sobre o exército holandês, por mais que o lado profano, com o passar dos anos, tenha conquistado mais espaço para shows populares e entretenimento não religioso.

⁹ Paulo Roberto. Devoto de Nossa Senhora dos Prazeres. Entrevista concedida em 13 de novembro de 2016.

Além de surgir ali os primeiros suspiros da histórica Insurreição Pernambucana¹⁰, “a vitória nos Guararapes, conquistada com o emprego de táticas genuinamente brasileiras, é considerada, simbolicamente, como o marco inicial da existência do Exército Brasileiro” (DE FARIA, 2015, p. 62).

O crescente sentimento nativista, já manifestado nos Guararapes, impeliu a sociedade, desde os primórdios mobilizada para as armas, às lutas pelos interesses na nacionalidade, com o amadurecimento de uma força terrestre representativa do povo, comprometida com a manutenção da integridade territorial (DE FARIA, 2015, p. 108).

A sensação de ser o berço da nacionalidade traz orgulho para os jaboatonenses. Em toda divisa entre Jaboatão dos Guararapes e outros municípios, é possível encontrar placas de boas vindas com os dizeres “A Pátria Nasceu Aqui”.

Figura 1: uma das placas de boas vindas espalhadas pelo município.



Autor: Rodrigo Villasboas

Do início dos anos 2000 até 2012, a peça “**Monte dos Guararapes – Assim Nasceu a Pátria**” tornava-se uma espécie de segunda edição da Festa da Pitomba. O espetáculo era encenado no mês de novembro e contava com o apoio da Secretaria de Cultura e Eventos do município de Jaboatão dos Guararapes. A direção ficava sob os cuidados do ator, diretor e produtor pernambucano, José Pimentel. Em sua última edição, a peça contou com 64 atores e mais de 200 figurantes, fazendo com que a

¹⁰ A partir da década de 1640, quando eram controlados pela Companhia das Índias Ocidentais (empresa holandesa) os engenhos de açúcar de Pernambuco começaram a apresentar sinais de declínio. Os senhores de engenho passaram a ficar insatisfeitos com a administração holandesa e seus altos impostos. A saturação veio no ano de 1645, quando houve a primeira campanha de insurreição, justamente no ano em que Maurício de Nassau partiu para a Holanda. Senhores de engenho como João Fernandes Vieira comandaram pequenas tropas durante as batalhas do Guararapes.

população a qual vive ao redor do Monte dos Guararapes tivesse uma participação significativa. “Desejamos que a iniciativa se torne uma aula espetáculo para o povo (...). Enfatizando que aqui foi estabelecido pela primeira vez o sentimento de pátria na nação brasileira”¹¹.

Figura 2: atores em cena no ano de 2012



Autor: Ivana Moura

A encenação fortalece a vivência aos nossos olhos de um acontecimento tão longínquo como as batalhas dos Guararapes. Ter o próprio povo da região participando do espetáculo faz com que mais pessoas se interessem pela história local.

É curioso notar que nas suas origens o teatro era um ritual, um jogo sagrado, onde o público desempenhava um papel ativo dentro da cerimônia religiosa. Tratava-se de uma assistência bastante homogênea, do ponto de vista sócio cultural, iniciada nos procedimentos do rito capaz de ser relativamente sensibilizada pelas mesmas emoções, sendo, por isso, sob esse aspecto, infenso à improvisação. À medida que o teatro evolui, o público vai deixando gradativamente de ser participante para se tornar “espectador” (CHACRA, 1991, p.91).

É provável que peças sobre essas batalhas tenham sido encenadas em séculos passados. A arte é uma forma comunicativa de manter viva a história. Com o passar do tempo, a arte se profissionalizou e o povo que antes fazia parte da criação, hoje se

¹¹ Ivan Lima. Secretário de Cultura e Eventos de Jaboatão dos Guararapes. Entrevista concedida em 10 de novembro de 2010 ao site da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. Link: <http://migre.me/wjlac>

mantém na figuração. Como enfatiza Chico Science¹² (1996) na música Etnia, “é o povo na arte; é a arte do povo; e não o povo na arte de quem faz arte com o povo”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou explicar a discussão sagrado-profano da Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, que este ano (2017) chega a sua edição de número 360, em anos ininterruptos. São mais de três séculos e meio de tradição, cultura, religiosidade e sentimento de orgulho por parte do povo da região. Ao longo do estudo pudemos notar a importância do município de Jaboatão dos Guararapes, mais precisamente do bairro de Guararapes, não só para Pernambuco e sua insurreição, mas para o Brasil como um todo. Pessoas que foram importantes nas batalhas e posteriormente, dão nome às avenidas que cercam o Monte dos Guararapes. Desde a Avenida General Barreto de Menezes, passando pela Avenida Mascarenhas de Moraes e até a Estrada da Batalha, onde foi o ponto principal para a vitória brasileira contra os invasores dos Países Baixos.

A inclusão da população local na festividade seja economicamente, com a venda de pitomba, ou de maneira participativa nos eventos religiosos ou nas atrações musicais do palco profano. A importância da extinta peça teatral, ou aula espetáculo, com o objetivo de informar os visitantes da festa e manter viva na memória os acontecimentos dos tempos precários e, conseqüentemente, vindouros.

O sentimento de liberdade conquistado em meados do século XVII é notável até os dias de hoje na época da festa. Estando na Igreja ou nas festas populares, é possível notar o orgulho e a glória no rosto de cada pessoa. Mesmo que muitos estejam ali apenas para se divertir, e não agradecer, eles sabem da importância do local e da festa. Os turistas provenientes de toda parte do Nordeste chegam em caravanas para acompanhar os eventos religiosos que seguem durante os nove dias de celebração, e também para aproveitar os shows, levando as crianças para os brinquedos do parque e provando dos sabores regionais.

Neste estudo usamos como base os estudiosos da Folkcomunicação, como citados, anteriormente, na introdução do artigo. O processo e o aporte teórico como viés

¹² Chico Science. Francisco de Assis França foi um cantor e compositor brasileiro. Trecho tirado da música Etnia, lançada em 1996 no álbum Afrociberdelia, pela banda Chico Science & Nação Zumbi.



de estudo para analisar a comunicação perante a festividade popular aqui descrita. A narrativa de Luiz Beltrão para apresentar o embate entre a cultural popular e o as diversas formas de comunicação.

7. BIBLIOGRAFIA

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.

BENTO, Cláudio Moreira. **As Batalhas dos Guararapes: Descrição e Análise Militar**. 2ª Ed. Porto Alegre: Genesis Edições, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido na Introdução Teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DE FARIA, Durdland Puppín. **Introdução à História Militar**. Resende, 2015.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GONDIM, Amanda Marques de Carvalho. **A pátria nasceu aqui: o discurso das batalhas dos Guararapes e a educação nas décadas de 1960 e 1970**. Recife, 2011. (Programa de pós-graduação em educação, Universidade Federal de Pernambuco).

GUSHIKEN, Yuji. **RAZÓN Y PALABRA** Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación www.razonypalabra.org.mx Folkcomunicación NÚMERO 77 AGOSTO - OCTUBRE 2011.

HAUOCK, J. F., **A Igreja na Emancipação**. IN: BEOZZO, J. O., (coord.). História da Igreja no Brasil (Tomo II/2): segunda época. 3ª ed. Petrópolis: Vozes e Ed. Paulinas, 1992, p. 112.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**: história, Taxionomia e metodologia da Folkcomunicacao. São Paulo, Paulus, 2008.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, Festas de São João: Origens, Tradições e História**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasilienses, 2ª ed., 1991.

8. ENTREVISTADOS



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

VICENTE, Dom André dos Santos. Jaboatão dos Guararapes, entrevistado em 13 de novembro de 2016.

SOUZA, Roberto. Jaboatão dos Guararapes, entrevistado em 13 de novembro de 2016.